



A nova ciência de Giambattista Vico e os princípios norteadores do nascimento e desenvolvimento do mundo civil

*Rosana Rodrigues de Oliveira**

Resumo: Este artigo tem como finalidade descrever a concepção de história elaborada por Giambattista Vico (1668-1744), em sua obra *Ciência Nova* (1744). Para ele, o movimento da história é cíclico, e está estruturado a partir de três idades: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens. Para se compreender esse processo histórico, optou-se pela aplicação de um processo descritivo, que apresentará cada etapa elaborada pelo filósofo italiano, desde o seu início, auge e declínio. Veremos que cada idade se encontra composta por alguns princípios que norteiam a construção do mundo civil.

Palavras-chave: História da Humanidade; Idade dos Deuses; Idade dos Heróis; Idade dos Homens.

The new science of Giambattista Vico and the guiding principles of the birth and development of the civil world

Abstract: This work describes the conception of history elaborated by Giambattista Vico (1668-1744), in his work *Scienza nuova* (1744). For him, the movement of history is cyclical, and is structured from three ages: the age of the gods, the age of heroes, and the age of men. In order to understand this historical process, we opted for the application of a descriptive process, which will present each stage elaborated by the Italian philosopher, since its beginning, peak and decline. We will see that each age is composed of some principles that guide the construction of the civil world.

Keywords: History of Humanity; Age of the Gods; Age of Heroes; Men's Age.

* Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Psicóloga em Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU). E-mail: rosana3oliveira@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1754182710461263>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5347-6801>.

Introdução

Giambattista Vico (1668-1744), em sua obra *Scienza nuova* (Ciência nova), publicada em 1744 apresenta uma concepção cíclica da história, que se organiza a partir de três idades. São elas: a idade dos deuses, a idade dos heróis e a idade dos homens.

Para o filósofo italiano, o estudo da sucessão destas etapas históricas do gênero humano corresponderia ao desenvolvimento de suas próprias ideias. Neste sentido, Vico propôs uma espécie de ciência da metafísica da mente humana, a partir da qual podemos conhecer o modo como os primeiros homens entenderam o mundo. Inicialmente povoado de deuses para só depois aparecerem as formas dessacralizadas da compreensão. As idades da humanidade e seus costumes são classificados, pelo napolitano, também como a história universal, e eterna do gênero humano.

E, simultaneamente, a esse movimento da história, Vico indica como alguns costumes se tornam práticas universais entre as nações. O filósofo napolitano apresenta a religião, o matrimônio e o sepultamento dos mortos como hábitos que se mantêm vivos nas três idades da humanidade. Evidentemente, que em cada período, esses costumes tiveram suas representações coerentes com as características de cada época. Estes princípios do mundo civil são eternos, no sentido de que são imutáveis, por serem marcas preponderantes em todos os povos e em todas idades da humanidade, sob o risco de, na falta deles, faltar também a própria humanidade. Segundo nota Vico, “Destas três coisas começou em todas [...] as nações, mesmo as selvagens e cruéis [...] a humanidade” (VICO, 2005, p. 172)¹. São tão importantes os três princípios que desempenham quase a função de causa da existência da humanidade.

A história temporal de cada nação pode não seguir o curso normal da história ideal (as idades da humanidade e os costumes). Vico admite que existem nações que não desenvolvem ficando na idade

¹ Sn44, §333.

primitiva, outros na heroica, o que mostra que não desenvolveram de forma completa. Enquanto outras chegaram a idade última sem passar por todas as idades de forma sequencial. Na Ciência Nova encontra-se, por exemplo, o seguinte relato que Estados tornados já democráticos pelas instituições, jurisprudência, etc., e nos quais permanecem, todavia, sobrevivências do regime aristocrático antecedente, como menciona Vico: “[...] que os homens, mudando-se, retêm, durante algum tempo, a impressão do seu vício primeiro” (VICO, 2005, p. 749)². O mundo dos homens é feito pelos homens, e suas mudanças ou estagnações em algum estágio devem ter razões na própria mente humana

Segundo Vico, todo esse processo histórico de mudanças, retrocessos e evolução é regido pela Providência Divina. Ela é a base para o fortalecimento dos princípios, dos costumes e da sociabilidade do homem em sociedade, pois, segundo o filósofo napolitano, sem a providência divina, os povos, tão diferentes entre si, poderiam aniquilar-se ao longo do tempo. Além disso, de acordo com o filósofo, a natureza humana, por mais determinada que seja possui o livre arbítrio e habilidades que a impulsiona para realizar e satisfazer as suas necessidades. Compreender o ser humano assim é concebê-lo para além da sua natureza caída. É preciso perceber, diz Vico, aquilo que torna o ser humano atuante na história. É neste sentido, que a história da humanidade deve ser analisada, ou seja, como obra do homem, que opera no mundo com auxílio da providência divina. Em outras palavras, pode-se afirmar que a providência divina é a força motriz da vontade, desejo e intencionalidade humana. É, influenciado por essa força motriz que o homem constrói a história ideal eterna. Sobre esse movimento da história Vico analisa criticamente o papel dos filósofos que apenas contemplavam a providência como uma força motriz da ordem natural, esquecendo-se do aspecto muito coerente: a natural sociabilidade humana, ou seja, o engenho providencial manifestando-se também na sucessão de eras históricas e no caminhar do tempo humano.

² Sn44, §1.004.

Cabe ainda destacar que, a contribuição investigativa do filósofo napolitano, na obra *Ciência nova* (1744), a respeito do nascimento e do desenvolvimento das instituições sociais, jurídicas, políticas, assim como o surgimento das línguas, das fábulas, dos mitos, da escrita, da história, da ciência e da filosofia; o estudo dos acontecimentos da história universal humana constituiu uma reflexão a respeito da evolução do homem como um construtor da linguagem, um arquiteto das inovações e multiplicidades técnicas, como o criador das complexas instituições, firmando-se como um ser social, racional e inteligente.

Assim, na obra *Ciência Nova*, a história humana é o feito dos próprios homens, isto é, o homem faz a história. Para explicar esse movimento dos homens no feito da história, demonstraremos, nas seções seguintes deste trabalho, como o filósofo italiano explorou a tábua cronológica dos egípcios para precisar os tempos da humanidade, o progresso humano na dimensão temporal de sua existência, como um ser sócio-político, cultural e racional.

A Idade dos deuses

A obra dos homens acontece em cada uma das idades, com suas particularidades e singularidades. Na idade dos deuses, os primeiros homens viviam para a satisfação de suas necessidades para a sobrevivência. Eram homens robustos em força corporal, denominados por Vico de gigantes ou feras. Essas criaturas possuíam comportamento animista, porque projetavam na natureza e nos fenômenos naturais uma versão terrível e ampliada de si mesmos, pois, possuíam um raciocínio rudimentar e os sentidos eram de vigorosíssimas fantasias, sendo a faculdade da imaginação o motor do conhecimento e experiência humana. De acordo com Vico, em todas as nações a mente humana imputava os acontecimentos da natureza aos deuses.

Para o napolitano, a idade dos deuses começou lá atrás, no começo da história humana, na época do pós-dilúvio onde os homens

eram selvagens, violentos e supersticiosos. Os primeiros povos eram muito grosseiros e simples, criaturas que nos ajudam a compreender melhor os fundadores do mundo gentio. Pois, para Vico, “Os primeiros povos do mundo eram os hebreus, cujo príncipe era Adão, criado pelo verdadeiro Deus no tempo da criação do mundo” (VICO, 2005, p. 57)³. Quando Adão foi corrompido pelo pecado original e expulso do Paraíso, isto é, a corrupção do “Adão íntegro, como deveria na ideia ótima ter sido criado por Deus” (VICO, 2005, p. 164)⁴, fez com que o homem caísse na decadência, tornando um ser “De uma natureza caída e débil” (VICO, 2005, p. 4)⁵. De modo que “Os homens caídos da inteira justiça pelo pecado original [...], se serviram a utilidade, viveram em solidão como animais selvagens” (VICO, 2005, p. 3)⁶.

Para o napolitano, a idade dos deuses começou lá atrás, no começo da história humana, na época do pós-dilúvio, quando os homens, caídos da natureza de Adão, viviam como animais na selva e trabalhavam em busca da sobrevivência fazendo somente o que era útil para manter a própria vida. Nesse período, o pensamento desses primitivos era obtuso, eram nômades, e, portanto, ainda não haviam consolidado a vida em sociedade. Os sentidos eram reduzidos ao corpo, isto é, às necessidades básicas de sobrevivência. Como diria Damiani (2018, p. 26):

A vida na selva pós-diluviana é apresentada como um movimento incontrolado de corpos físicos no espaço. Nesse sentido, o selvagem já não se distingue da selva, na qual seu corpo é movido pelos impulsos e paixões que o afetam. Anterior a toda consciência e a toda ação voluntária, a selva se

³ Sn44, §51

⁴ Sn44, §310

⁵ Sn44, §2

⁶ Sn44, §2

apresenta como uma paisagem originária, em que a natureza humana se fundiu à natureza física.

Esses primeiros primitivos, segundo Vico, eram os descendentes de Noé: Cam, Jafé e Sem, que, no exercício do livre-arbítrio, optaram em viver de modo diverso da ideia original do Adão inteiro, íntegro e piedoso. Como relata o filósofo napolitano:

As raças ímpias dos três filhos de Noé teriam andado num estado ferino, e com um vaguear ferino teriam se espalhado e dispersado pela grande selva da terra, e tinham uma educação ferina. Nesse tempo foi que pela primeira vez o céu relampejou depois do dilúvio (VICO, 2005, p. 14)⁷.

Surge assim “As civilizações gentílicas que saíram divagando selvagememente pela terra” (VICO, 2005, p. 205)⁸ e por medo do desconhecido e das intempéries da natureza, e afastadas do Deus criador, criaram outros deuses para si, como Júpiter, Hércules e outras divindades. De acordo com Vico:

Os primeiros homens [...], por sua natureza, acreditavam que os raios e os trovões seriam de Júpiter e que Júpiter ordenaria através de sinais, e que esses sinais seriam palavras reais, e que a natureza seria a língua de Júpiter [...] (VICO, 2005, p 216)⁹.

Daí origina-se as superstições humanas, as religiões, a mitologia, as fábulas poéticas na tentativa de explicar as coisas do mundo. O homem nos primórdios dos tempos se assustou com as manifestações da natureza, como trovões, relâmpagos, terremotos e situações que não tinha controle. Decodificou rudimentarmente os sinais da natureza, interpretou e mobilizou seu sistema nervoso cerebral de

⁷ Sn44, §13

⁸ Sn44, §369

⁹ Sn44, §379

diversas maneiras a fim de apropriar-se da situação concreta com os sentimentos, as emoções, sendo o medo e o espanto exemplo desses sentidos. Segundo Silva Neto (2018, p. 8) o homem primitivo, sentindo-se indefeso diante do mundo hostil que o rodeava e que desconhecia, a tudo temia:

A solução para o medo foi um “confuso pensamento”. [...]. Por causa de um fato físico, a natureza pós-diluviana, e da paixão gerada por causa disso, paixão da qual se deveria escapar, em suma, graças aos corpos, o primitivo pensou, concebeu com razão aturdida a divindade assustadora. Depois de inventá-la passou logo a interpretá-la, iniciando a prática interdita aos hebreus, a “adivinhação” ou “leitura dos auspícios”. Em vez de algo que inesperadamente assusta, o céu se transformava em um grande ser que comunica vontades e planos, que é “providente”. O medo é combatido e a necessidade de se estabilizar emotivamente é garantida a partir do momento que a natureza terrível é transformada em enorme “divindade providente”.

Logo, os homens começaram a relacionar-se com a natureza por meio de uma comunicação difusa dando início uma socialização com as coisas naturais de forma religiosa. As paixões dos homens eram expressas mediante gritos e grunhidos, e sentiam os trovões de “júpiter” como manifestação de uma ira do céu contra os homens. A palavra Júpiter aparece para expressar em palavras o som dos trovões, como tentativa de expressar o som dos trovões no céu. Júpiter era apreendido por eles como um elemento sobrenatural. Segundo Damiani (2018, p.31):

Os primitivos tentam decifrar os signos que creem receber da natureza animada e comunicar-se com as forças sobrenaturais sob as quais creem viver. A idolatria, a adivinhação e os sacrifícios são as

características comuns das primeiras religiões pagãs.

Vemos então que as expressões da época progressa têm um grande valor. Os primeiros gigantes ouviam barulhos e pensavam por onomatopeias. Zeus, por exemplo, aparece para expressar o barulho do raio. E assim, sucede o surgimento dos demais deuses. Vico descreve um pouco como foi essa primeira experiência religiosa da humanidade:

Os primeiros autores da humanidade gentílica quando – duzentos anos depois do dilúvio para o resto do mundo e cem na Mesopotâmia – o céu finalmente relampejou, trovejou com raios e trovões muitíssimo espantosos [...]. Ali, uns poucos gigantes que estavam dispersos pelos bosques situados no alto dos montes, [...] eles assustados e atônitos com o grande efeito de algo que desconheciam, ergueram os olhos e advertiram o céu. E porque em tal caso a natureza da mente humana leva a que ela atribua ao efeito a sua natureza [...] (VICO, 2005, p. 214)¹⁰.

Nasce na idade dos deuses a primeira linguagem que vem desse assombro, do medo, do espanto e de uma forma figurada denominada onomatopaica que geralmente aparecia para imitar barulhos, ruídos, sons e movimentos da natureza. É uma linguagem que surge por imitação, isto é, os humanos imitam pela voz, os sons da natureza. Existia uma lógica poética animada por essa linguagem figurada, cuja característica era recheada de metáforas ligadas ao corpo humano e a natureza, como exemplificada por Vico: “Os homens ignorantes das causas naturais que produzem as coisas, quando não as podem explicar nem mesmo por coisas similares, atribuem às coisas a sua própria natureza, como vulgo, por exemplo, diz estar a calamita enamorada do ferro” (VICO, 2005, p.

¹⁰ Sn44, §377

124)¹¹. A mente humana conversa com os efeitos da natureza diviniza e com características humanas, como crianças, recolhiam coisas inanimadas, se divertiam e falavam com elas como se essas coisas fossem pessoas (VICO, 2005, p. 212)¹². Daí a sabedoria poética, a primeira sabedoria do mundo gentio, iniciada com uma metafísica não racional, uma poesia divina.

Nesse mundo poético, dominado por deuses, os homens constroem as nações fundadas por fábulas sobre religião, isto é, por mentes humanas que imaginavam histórias divinas sobre as coisas. E que, segundo Vico: “Segue-se que a primeira ciência a ser aprendida deveria ser a mitologia ou a interpretação de fábulas; pois, como veremos, todas as histórias dos gentios têm seus primórdios nas fábulas, que foram as primeiras histórias das nações gentias” (VICO, 2005, p. 58)¹³.

Vico encontrou esse comportamento em vários povos da Europa antiga e outros continentes, e menciona exemplos como descrito abaixo:

Índios americanos, que chamavam deuses todas as coisas que ultrapassam a eles. Assim também, os antigos alemães que moram sobre o Oceano Ártico, de quem Tácito conta que eles falaram de ouvir a passagem do Sol à noite de oeste a leste através do mar, e afirmou que eles viram os deuses (VICO, 2005, p. 212)¹⁴.

O surgimento dos diversos deuses, cada um atribuído a algum fenômeno da natureza, forma-se a primeira instituição, a religião. A religião é o fruto da divinização da natureza, como, poeticamente falando: “O céu como um grande corpo animado com barulhos e assobio

¹¹ Sn44, §180

¹² Sn44, §375

¹³ Sn44, §51

¹⁴ Sn44, §375

do vento e dos trovões envia alguma mensagem aos homens” (VICO, 2005, p. 217)¹⁵.

Percebe-se a importância da religião nessa idade a partir do instante em que estimula as primeiras formas de comunicação, ou seja, a interação com os deuses. Destarte, os homens transferiram para os deuses forças personificadas e idealizadas da mente humana. Os deuses são a expressão exteriorizada da própria vontade do homem, as características do desejo humano materializado no ideal dos deuses, exprimem a catarse humana das emoções frente ao desconhecido. Além disso, a religião tem a função de aplacar as paixões humanas e contribui para melhorar as relações humanas. As religiões eram ricas em rituais e complexas, pois organizavam detalhes da vida de cada povo. A religião torna-se a base das relações humanas no ordenamento da convivência social, e, de acordo com Vico “A religião é vulgarmente eficaz para nos fazer agir virtuosamente. A piedade começou com a religião” (VICO, 2005, p. 228)¹⁶. Pois temendo os efeitos da natureza divinizada, os homens escolherem o caminho da civilidade para acalmar os deuses.

Segundo Vico, essa civilidade tem uma causa. O mundo dos homens não está abandonado ao acaso e a acidentes externos, mas é controlado pela Providência. Deus criou o homem à semelhança de Deus e o dotou de sabedoria divina para agir no mundo. Segundo Vico:

A providência Divina iniciou o processo pelo qual os ferozes e violentos foram trazidos de seu estado fora da lei para a humanidade. Isso aconteceu ao despertar neles uma confusa ideia de divindade. E pelo terror dessa divindade imaginada, eles começaram a colocar uma ordem nas coisas (VICO, 2005, p. 123)¹⁷.

¹⁵ Sn44, §379

¹⁶ Sn44, §391

¹⁷ Sn44, §178

A providência Divina estabelece a ordem natural que projeta os indivíduos à vida social. De acordo com estudos de Vico, cada nação teve seus deuses, conjugando assim uma religião primitiva que inicialmente abrandava a bestialidade humana, acalenta os temores e as paixões do homem. A religião tem a função de catalisar a benevolência e a piedade nos homens, tendo influência direta nas relações sociais.

O mito se consolidou a partir da aceitação coletiva de cada povo. Sendo a mitologia vivida pelos povos como uma verdade profunda, que explicava a origem e a forma das coisas, suas funções e finalidades. O mito organizava as relações sociais, de modo a legitimar e determinar um sistema complexo de permissões e proibições, levando o homem a encontrar o caminho da civilidade. Os deuses, a língua, a cultura, todas as religiões primitivas representam um modo de exprimir a estrutura social do povo.

Em suma, a idade dos deuses é o protótipo e rudimentar início do raciocínio humano por meio da imaginação e das fantasias. A vivência religiosa, mitológica, o mundo fantástico era a própria realidade dos homens, o modo de vida das pessoas, uma experiência coletiva dos homens, em diferentes nações; e, por meio do medo dos deuses, os homens tinham a certeza de que os deuses regulavam suas condutas, pois, acreditavam existir um mundo sobrenatural que mantinha controle sobre o destino humano. Uma idade caracterizada por homens que utilizavam o pensamento de acordo com os primeiros contatos com as coisas incríveis usando a fantasia, a imaginação, a memória e o engenho para lidar com o mundo ao redor. Um homem que se mostra extremamente sociável e racional e que de acordo com Vico a providência divina acompanhou o progresso civilizatório da humanidade. Os homens na idade dos deuses não são menos racionais que os homens nas idades posteriores, apenas praticavam uma forma de pensar ajustada às condições de vida e de aprendizagem daquele estágio.

A Idade dos Heróis

Nessa idade há uma mudança de comportamento dos homens. É o estágio da evolução em que os homens acreditavam ter origem divina, serem filhos dos deuses, passam a crer que eram descendentes dos deuses. Ainda é uma idade rodeada de fantasia e imaginação. Podemos dizer que o conceito de herói está intimamente ligado às características da sociedade que o concebeu, bem como à época de sua concepção. Isso porque os atributos inerentes a um determinado herói devem estar espelhados aos valores de sua época e às necessidades de uma nação. Então, os homens são esses heróis que tiveram grande influência na história, como por exemplo a história de Aquiles que na mitologia grega, foi um herói da Grécia, um dos participantes da Guerra de Tróia e o protagonista e maior guerreiro da Ilíada de Homero. Outro herói da mitologia grega foi Hércules que era filho de Zeus, deus supremo, e de uma mortal chamada Alcmena. O heroísmo de Hércules encontrou variante, com ampliações em quase todos os povos da Antiguidade. Assim como existiram vários júpiteres na idade dos deuses, houve vários Aquiles e Hércules na idade dos heróis.

Os heróis eram homens que podiam ser de origem divina ou não que se destacavam em vida pelos seus feitos, muitas vezes como guerreiros, aventureiros e líderes. Não possuíam superpoderes, no entanto, destacavam-se pela coragem, pela determinação e ambição. Tais homens ganhavam fama e glória de modo que podiam ser cultuados e até mesmo divinizados em alguns casos. Eles recebiam culto e homenagem dos povos que defendiam, além de serem homenageados em rituais fúnebres nos supostos túmulos que lhes foram atribuídos. Pois, Segundo Vico, os heróis eram homens reais com características importantes: “As fábulas heroicas foram histórias verdadeiras dos heróis e dos seus heroicos costumes, que se verifica terem florescido em todas as nações no tempo da sua barbárie [...]” (VICO, 2005, p. 10)¹⁸. “Os heróis eram os

¹⁸ Sn44, §7

filhos da terra que devem ter sido nobres, e filhos dos deuses os quais a terra foi a grande mãe” (VICO, 2005, p. 358)¹⁹.

Em relação ao casamento, vários deuses se uniram aos seres humanos mortais. Dessas uniões surgiram os heróis, considerados semideuses. Sobre seus deuses e heróis, os homens contavam muitos mitos.

Para situar a idade dos heróis no movimento da história, Vico dispõe como se caracterizou esse período e os acontecimentos históricos na Tábua Cronológica dos egípcios²⁰: no Egito, temos a figura do Mercúrio Trimegisto, ou o jovem, que é caracterizado poeticamente. Para os gregos a idade dos heróis teve seu início com a expansão dos filhos de Hércules, ou seja, os Heraclidas. Espalharam-se pela Grécia e suas colônias, alcançando a Ásia e formando reinos sacerdotais. Minos, rei de Creta, foi o primeiro legislador dos gentios e primeiro corsário do Egeu. Jasão dá início às guerras navais com a do Ponto. Teseu funda Atenas e ordena o Aerópago. Ainda na Grécia, o evento histórico da guerra de Tróia que foi permeado de mitologia, contos de Homero e a própria história. Nesse período teve início os jogos olímpicos ordenado por Hércules.

Nesse período de maior organização das sociedades há uma espécie de refreamento dos impulsos humanos que o corpo impunha à mente, de forma a dar-lhes direção, equilíbrio e civilidade. Surgem conjuntos de leis e valores que irão organizar esses grupos humanos. Uma organização de normas para aplacar as insurgências de conflitos de

¹⁹ Sn44· §531

²⁰ Esta Tábua Cronológica apresenta o mundo das nações antigas, que desde o dilúvio universal vai girando, desde os Hebreus, passando pelos Caldeus, Citas, Fenícios, Gregos e Romanos até à sua guerra cartaginesa. E nela surgem homens ou fatos famosíssimos, determinados em certos tempos ou fatos no mundo; e nela surgem, das longas e densíssimas trevas, onde estavam jazendo sepultados, homens insígnies e fatos relevantíssimos, pelos quais e com os quais aconteceram grandíssimos momentos das coisas humanas. Tudo isto se demonstra nestas anotações, para dar a entender quanto a humanidade das nações tem os princípios incertos, ou indecorosos, ou defeituosos, ou vão (VICO, 2005, p. 49).

um devir contínuo entre paz e guerras. É uma idade que existiu uma evidente divisão de classes entre plebeus, patrícios e aristocratas gerando muita tensão e uma série de guerras tribais e de conquistas de territórios e deposições contínuas de reis. Há uma nítida passagem da economia das famílias da caça para a agricultura com novas formas de produção de alimento. Vico descreve algumas situações desse estágio:

Estando esses heróis estabelecidos em terras circunscritas e tendo crescido em número as suas família, não lhes bastando os frutos espontâneos da natureza e, para consegui-los em abundância, temendo sair dos seus confins, a que eles mesmos se tinham circunscrito por aqueles grilhões das religiões por que os gigantes tinham sido agrilhoados debaixo dos montes, e tendo-lhes insinuado essa mesma religião que deitasse fogo às florestas para obterem o aspecto do céu, donde lhes proviesse os auspícios, entregaram-se com muita prolongada e dura fadiga a transformar a terra em cultivo e a semear ali o trigo necessário para a nutrição humana[...] (VICO, 2005, p. 364)²¹.

A evolução do espírito humano no segundo estágio também é acompanhada da estruturação social, ou seja, há uma expansão das famílias e dos territórios formando tribos e depois as cidades, as quais são formadas por nobres e rodeadas pelos plebeus. As cidades que também eram o lar dos deuses possuíam praticamente três classes sociais: patrícios, formada pelos pais de famílias nobres; plebeus, formados pelos pobres, filhos bastardos, estrangeiros e os fâmulos, pessoas que prestavam serviços domésticos; criados, empregados. As três classes minam o poder das antigas regras das famílias porque lutam pelos interesses de cada classe social.

A população pobre da cidade, os plebeus, não possuía quaisquer direitos políticos, econômicos ou sociais. Durante as guerras de

²¹ Sn44, §539.

conquistas, somente os patrícios eram privilegiados. Um dos primeiros conflitos de desigualdade foi a questão das terras. Pois, sendo as terras o lugar de produção de alimento existia um elemento comum de interesses, no entanto havia uma clara disparidade social na distribuição da terra, de alimentos e de renda.

Assim, nos primeiros tempos das repúblicas greco-romanas, a intensificação dos conflitos entre patrícios e os plebeus foi profunda. Os plebeus reivindicaram ocupar cargos no Estado, votar no Senado e realizar suas próprias assembleias. Exigiam o fim da escravidão por dívidas, o acesso às terras conquistadas e o direito ao casamento legal como os patrícios. Um dos maiores motivos da tensão era a questão fundiária. Enquanto os grandes proprietários patrícios acumulavam cada vez mais terras, a plebe rural empobrecia. Muitos plebeus foram obrigados a lutar em guerras de conquistas e depois contraíam dívidas ao retornar para suas terras.

O descontentamento dos fâmulos e plebeus pela falta de igualdade de direitos obrigou os nobres a levar as reivindicações a sério que de forma ludibriosa elaboraram a primeira lei agrária:

[...] tendo os fâmulos a vida precária sujeita a esses heróis, que a tinham salvo nos seus refúgios, direito era a razão que tivessem um domínio civilmente precário, que gozassem enquanto aos heróis lhes aprazasse conservá-los na posse dos campos que lhes tinham atribuído. Assim concordaram os fâmulos em formar as primeiras plebes das cidades heroicas, sem nelas possuírem qualquer privilégio de cidadãos [...] (VICO, 2005, p. 427)²².

E ainda na Dignidade LXXXI Vico acrescenta: “É propriedade dos fortes não relaxar por intolerância os ganhos feitos com virtude, mas

²² Sn44, §597

por necessidade ou por utilidade, cedê-los pouco a pouco e o menos que lhes for possível” (VICO, 2005, p. 146)²³.

A complexidade da acomodação das posses dos nobres levou a três tipos de feudos:

O primeiro foi o domínio bonitário dos feudos rústicos ou humanos cultivado pelos plebeus. O segundo foi o domínio quiritário dos feudos nobres, ou seja, heroicos, militares. O terceiro, domínio civil, o qual os patrícios ainda acreditavam serem os comunicadores da voz de Júpiter (VICO, 2005, p. 431-433)²⁴.

A idade dos heróis, o direito era dos nobres ditos heróis, que dominavam as cidades e povo por meio da força armada. Foi um período em que existia lutas internas e externas às cidades, pois, além dos conflitos de classes sociais, as cidades também lutavam para proteger seus territórios de outros povos considerados inimigos e as lutas externas serviam para conquistar territórios em busca de riquezas, negócios e expandir cultura das grandes repúblicas. Na idade dos heróis, a religião era um meio de manipulação e dominação social garantindo dos nobres o que garantia mais uma forma de superioridade em relação aos plebeus. Esse mascaramento da religião foi dando lugar ao surgimento da filosofia.

A Idade dos Homens

Esse último estágio também é conhecido como a idade da razão. Segundo Vico essa idade se dá na época da filosofia grega. O pensamento humano não será mais teológico como era na primeira idade e nem como na segunda idade. Será fundamentado na razão. E os

²³ Sn44, §261.

²⁴ Sn44, §600-§602.

governos teocráticos passam a ser democráticos. Os deuses deixam de ser a base da explicação das coisas e a razão passa a ter a primazia.

Nesse período há o surgimento de fatos históricos importantes de acordo com a Tábua Cronológica dos egípcios: os sete sábios da Grécia que para historiadores como Higino, os sete sábios são Pítaco de Mitilene, Periandro de Corinto, Tales de Mileto, Sólon de Atenas, Quílon de Esparta, Cleóbulo de Lindos e Bias de Priene. Plutarco lista os sete sábios como Tales, Bias, Pítaco, Solon, Quílon, Cleóbulo e Anacarses. Outras figuras importantes na idade dos homens mencionado por Vico na Tábua Cronológica são Pitágoras, Hesíodo, Heródoto e Hipócrates. Período do acontecimento da guerra do Peloponeso. Sócrates dá início à filosofia moral refletida, Platão emerge na metafísica, Atenas brilha em todas as artes mais cultas da humanidade. Alexandre, o Grande, derruba a monarquia persa.

Um dos grandes destaques desse período foi Sólon, um estadista e legislador grego que iniciou uma reforma das estruturas social, política e econômica da pólis ateniense. Na época em que ele ascendeu como líder, Atenas era dominada por uma aristocracia hereditária, dos pais de família, os filhos dos patrícios, cujos integrantes eram chamados de eupátridas. Os eupátridas possuíam as melhores terras e monopolizavam o poder e o sistema em voga, todo ele baseado na riqueza de seus integrantes. Como era de se esperar, tal panorama gerava frequentes lutas políticas, já que os plebeus eram privados de qualquer direito, tornando-se muitas vezes devedores dos eupátridas, e como era costume, muitos acabavam como escravos por não conseguirem saldar suas extorsivas dívidas. Sólon combate tal realidade social, econômica e política, anistando as dívidas dos camponeses, proibindo a escravidão por dívidas, abolindo a hipoteca sobre pessoas e bens, libertando os pequenos proprietários servindo em regime de escravidão, impondo limites à extensão das grandes propriedades agrárias, e finalmente e mais importante, diminuindo os poderes e arbitrariedades dos nobres. Reformou as instituições políticas e deu direito de voto aos trabalhadores.

Ainda na Tábua Cronológica, Vico faz menção da constituição das XII Tábuas, ou seja, as leis aplicadas na República Romana pelos pontífices e representantes da classe dos patrícios que as guardavam em segredo. Em especial, eram majoritariamente aplicadas contra os plebeus. Posteriormente, a constituição das leis públicas como um conjunto de leis cujo objetivo era aumentar o poder político da plebe romana no período republicano. Receberam esse nome por causa de seus proponentes, o tribuno da plebe Volerão Públio e o cônsul Quinto Públio Filão. Outra lei, a Lex Poetelia Papiria foi uma lei da República Romana que aboliu o nexum, ou seja, o acordo pelo qual um devedor dava como garantia de um empréstimo a escravidão de si próprio (ou de um membro da família sobre o qual ele tinha autoridade, como uma criança) em nome do credor em troca da extinção do débito.

Enfim, a chegada da idade dos homens foi uma transição marcada por um longo processo. Gradativamente os homens mesmo diante das constantes tensões externas e internas, os diferentes grupos sociais reconhecem a necessidade da igualdade e da equidade para a sobrevivência da própria humanidade. Nesse período o raciocínio atinge o grau de abstração, da elaboração do direito e da democracia. A razão encontra o caminho da reflexão, da operação dos conceitos, da instrução, da educação, melhoramento da faculdade da imaginação e da fantasia. Uma idade acompanhada de grandes avanços culturais e tecnológicos.

Na idade da razão o homem encontra na vida social segurança que aparentemente proporcionará a preservação da vida e melhores condições de obter igualdade e liberdade social.

Considerações finais

Vico apresentou o movimento que constitui a história humana a partir de três idades, que foram descritas acima. No entanto, segue a questão: como estes homens podem progredir na direção da ciência nova? Como puderam passar de um estado “primitivo”, bárbaro, para

outro estado “civilizado”? A resposta de Vico é a de que a divina providência foi indicando meio, medidas para que os homens pudessem transformar suas paixões bestiais em paixões humanas; a “Pôr freio às suas paixões selvagens” (SILVA NETO, 2010, p. 87). Esse movimento se deu lentamente, porque para que ocorresse essa transformação a mente humana precisou transformar-se; adquirir capacidade de ler sinais que a possibilitasse direcionar as suas ações, ou seja, foi necessário que gradualmente o ser humano percebesse a necessidade de criar hábitos, rotinas, e princípios que balizassem as suas ações.

Há uma lei histórica que constitui a ordem natural das instituições civis estabelecidas pela providência para regular e perpetuar a história universal humana. A história da humanidade era efetivamente a história da razão, da fantasia, da sensibilidade, da imaginação que juntas e articuladas colocam o homem como o sujeito e o objeto da história, ou seja, o homem possui a capacidade de colher e interpretar os acontecimentos a partir de princípios universais que se repetem e assumem contornos próprios em cada ciclo de idade que compõe a história dos homens. Nela, os homens ao fazer a história sofrem os seus feitos.

Por conseguinte, há uma coerência nos cursos e recursos da história (*corsi* e *ricorsi*) graças à presença da providência divina. Entendo *corsi* o avanço de algo no tempo e *ricorsi*, retorno de algo ao lugar de onde veio. Tendo a providência sempre como a ordenadora de todos os cursos da história. Nesse sentido, Vico explica a existência de um modelo de desenvolvimento comum a qualquer sociedade humana, independente do lugar de sua formação, dividido em estágios das civilizações, ou seja, as três idades, e que alguns eventos se repetiam da mesma maneira, mesmo depois de tanto tempo; e isso ocorreu não por puro acaso, mas com base na providência divina (VICO, 2005, p. 379)²⁵.

Assim, é possível que os ciclos históricos e as recorrências se repetem, não apenas para um projeto preciso, mas, porque a essência

²⁵ Sn44, §550

humana sempre foi a mesma, apesar de todo desenvolvimento, ou seja, a luta natural entre o bem e o mal, a providência pode levar ao *corsi* e *ricorsi*, como as lutas por interesses de classes, as lutas pelo poder e demais acontecimentos que causam uma desordem de uma comunidade, de um povo.

Vico escreve que “Este mundo de nações que certamente foi feito pelos homens encontra suas modificações na própria mente humana” (VICO, 2005, p. 187)²⁶, fazendo com que o mundo civil esteja em contínua mudança, pois os ciclos são gerados pelos feitos humanos. As modificações que ocorrem ao longo do *corsi* e *ricorsi* não são externas ao homem, pois o pensamento humano muda no tempo e, evidentemente, tudo o que por ele produz. Por exemplo, a decadência de uma nação pode ser o fim de um estágio e o início de uma nova fase como fatos semelhantes do estágio anterior, no entanto, submetidos e adaptados às modificações pertinentes ao novo período. Segundo Guido:

A ação da providência divina não se configura como força sobrenatural, pois, ela não interfere em momento algum nos eventos humanos; a providência se faz presente como força natural e inata que impulsiona o homem ferino na construção da ordem social, na qual ele se reconhece e se realiza (GUIDO 2003, p. 35-36).

Vimos também que todos os aspectos uniformes de pensamento entre as nações foram permeados de muita religiosidade envolvidos de diversos costumes comuns, tais como, a sabedoria poética, os pensamentos fabulosos derivando a mitologia, o surgimento do estado de família agregada à religião patriarcal e o respeito aos mortos. Verificamos que há uma natureza humana comum em cada povo mesmo com suas particularidades e costumes e mesmo em épocas diferentes da história e dentro da diversidade de cada povo. De modo que do estágio

²⁶ Sn44, §349.

divino à razão, a característica marcante dos homens é a sociabilidade que os impulsiona a viver com justiça e a conservar-se em sociedade.

Embora Vico veja certa positividade nos homens desde a idade dos sentidos, ele não deixa de enfatizar que estes homens são capazes não somente de realizar o progresso na humanidade, mas também retrocessos. Por isso, neste capítulo nos propusemos descrever como Vico efetivou a passagem da barbárie à civilização e da civilização à barbárie.

Para esse autor, por um lado, a providência atua na história e na vida concreta dos homens indicando por meio de sinais o caminho que a humanidade deve tomar. Mas, por outro, em diversas situações os homens seguindo os seus desejos e vontades próprias impõem “Pesadas fadigas aos seus clientes, abusando das leis de proteção” (VICO, 2005, p. 836)²⁷. Ao fazer delas (leis) “ásperos governos,” provocam um mal-estar civil, desajustando a ordem natural das coisas, e com isso, a providência divina, visando restabelecer a ordem e harmonia social, impelem “Os clientes amotinam-se contra eles” (VICO, 2005, p. 837)²⁸.

As lutas, as guerras, os amotinamentos e as convulsões sociais não podem ser vistos como expressão da vontade de poder de um grupo querendo submeter o outro. Vico aponta que a causa desses conflitos é gerada pelo desequilíbrio natural, causado por governos que não promovem a harmonia social.

Assim, sobre a manifestação da barbárie nas idades, que constituem os ciclos históricos da humanidade diz Silva Neto (2010, p. 182-183):

Apesar da trajetória circular da história, Vico não concebeu o eterno retorno das coisas humanas. Para ele, a sucessão de cursos significava sim progresso, de modo que nenhuma *ricorsi* será totalmente idêntico ao outro. Embora revelem

²⁷ Sn44, §1.100.

²⁸ Sn44, §1.100.

desenvolvimentos iguais, os cursos históricos serão sempre qualitativamente diferentes, por isso, mais que circular, a história ideal eterna viconiana perfaz um movimento helicoidal, de círculos ascendentes. Como demonstra a Europa medieval, os povos caem na barbárie e os fortes voltam a dominar os ignóbeis, contudo, não voltam jamais à condição da primeira barbárie dos descendentes de Noé, onde não havia cidades, repúblicas ou filósofos.

Dessa forma, verificamos na Tábua da Cronologia os acontecimentos particulares das histórias de cada nação e evidenciamos as profundas transformações na história humana no que tange à política, economia, tecnologia, ideais, cultura. Sendo essa cronologia uma das referências que o filósofo napolitano se apoiou para descrever as três idades, dos deuses, dos heróis e dos homens como também demonstrar as ações dos homens em cada tempo no mundo. Verificamos na cronologia que os avanços das idades não foram simultâneos em todas as nações, pois se nota que cada nação teve características intrínsecas a cada costume cultural no progresso, ascensão e declínio em cada idade.

Ainda na Tábua da Cronologia observamos que as necessidades humanas colaboram para as sucessivas lutas de classes, e que as guerras incessantes são o produto de lutas armadas entre as nações ou entre as próprias tribos rivais de mesma região motivadas por conquistas territoriais, econômicas ou ideológicas.

Vemos na Tábua que desde a antiguidade da história humana, a violência está presente nas relações de poder. Como, por exemplo, no código das XII Tábuas, era lícito ao pai de família matar o filho, vendê-lo como escravo. Era lícito fazer o outro escravo de acordo com as normas estabelecidas. A desigualdade social entre plebeus e nobres causaram conflitos e lutas. Os sacrifícios humanos em cerimônias religiosas para aplacar a ira dos deuses. As guerras de impérios transformaram em um mar de homens mortos. Aludindo a essa violência nos tempos modernos, presenciamos no século XX, horrores na primeira e segunda guerra mundial, além das múltiplas guerras civis em diversas

regiões do mundo. Regimes políticos ditatoriais, tentativas de extermínios de povos por ódio, por questão de poder, religião, raça, cor, gênero, etc. Será que podemos supor que a barbárie é intrínseca na vida social dos homens? Pois, a barbárie caracterizada de forma física ou simbólica esteve e está presente em todas as temporalidades da história humana.

Em todas as nações, notamos o desenvolvimento da razão e também da barbárie que são aperfeiçoadas ao longo do tempo. O conflito, tanto nas guerras quanto nas lutas sociais, faz emergir na razão humana a instituição do poder judiciário e a constituição de várias formas disciplinares do direito que estipulam diversos mecanismos regulatórios nas sociedades ditando regras e comportamentos aceitáveis que se quebrados existe a punição necessária, em tese, para aliviar as tensões sociais e as guerras de modo a trazer a dignidade e a igualdade entre os povos. No entanto, apesar de todo o ordenamento jurídico e de diversas convenções de conflitos armados, as guerras, em qualquer estágio da humanidade, continuam e podem ser brutais e sangrentas e sempre causar sofrimento. Além das mortes em campos de batalha, esse fato costuma causar misérias e fazer muitas vítimas indiretas.

Observando o movimento histórico da civilização do homem e a barbárie, quais são as características universais que define o sentido de barbárie ao longo dos tempos? Como surgiu essa expressão? Qual a conotação dada por Vico em suas obras? O que pode ser classificado como um homem bárbaro? Para responder um pouco essas indagações, apresentamos algumas definições.

Sabemos que cada povo da antiguidade possuía sua política, cultura e organização social própria. Os gregos na época de Alexandre, “o Grande”, acreditavam ser um povo extremamente desenvolvido na política, nos costumes, na cultura vasta e rica em conhecimento, além de se sentirem economicamente mais importantes. Os gregos designavam de bárbaros as pessoas que não eram gregas, ou seja, não compartilhavam da mesma cultura grega e também aqueles povos cuja

língua materna não era a língua grega (VICO, 2005, p. 476)²⁹. No tempo do império romano, os romanos consideravam bárbaros todos os povos que estavam fora de seu domínio, e foi nesse período que a expressão passou a ser usada com a conotação de “não romano”, “incivilizado”, aquele que está a todo o momento ameaçando a civilização (VICO, 2005, p. 476-477)³⁰. Além do desejo dos romanos de alargar seus territórios em busca de glória, glamour, riqueza e conquista. Roma também tinha como princípio tornar “civilizado” o povo “bárbaro”.

O termo barbárie segue, então, com a conotação de uma perturbação da ordem da cidade. Dessa forma explicita Mattéi (2002):

É possível distinguir facilmente o que chamo efeitos de barbárie dos efeitos de civilização. O efeito de barbárie caracteriza toda a forma de esterilidade humana e de perda de sentido no campo da cultura, quer se trate de ética, de política, de arte, quer de educação. Para que haja barbárie, é preciso haver já uma civilização anterior que o bárbaro, como Alarico e seus visigodos quando do saque de Roma, vai bater, pilhar e destruir. Se o selvagem não teve tempo de criar obras duráveis de civilização pelo trabalho sobre si mesmo, o bárbaro procura arruinar esse mundo estrangeiro que o provoca e fascina, mas que ao mesmo tempo lhe devolve o reflexo de sua impotência a encontrar-lhe sentido. Em sua secundaridade, a barbárie está estreitamente ligada à civilização, de que é a face negativa, assim como a queda está intimamente ligada à ascensão: só aquele que pode subir está em condições de cair (MATTÉI, 2002, p. 13-14).

Segundo Guido “O primeiro emprego da palavra barbárie foi para identificar o estágio inaugural da vida humana no mundo, que

²⁹ Sn44, §638.

³⁰ Sn44, §638.

correspondeu ao estabelecimento dos primeiros laços sociais” (GUIDO, 2004, p. 73).

Já o conceito de civilidade vem do termo romano *civitas*, é, ao mesmo tempo, o agrupamento de cidadãos à cidade enquanto corpo físico, e o conjunto de regras para se viver em grupo, caracterizado com pactos de não-agressão. Mas essa trégua acordada só valia entre os membros da mesma *civitas*. Aos outros, os forasteiros, os diversos, os desiguais, sobrava a marginalização, ou, no caso de misericórdia, a escravidão.

Nesse complexo raciocínio entre civilidade, desenvolvimento e barbárie, Vico distinguiu quatro categorias de barbáries no mundo civil: do intelecto, dos sentidos, retornada e a da reflexão. A Barbárie do intelecto é o estágio imaturo do intelecto dos jovens em que são incapazes de qualquer grande obra, no entanto, sem o pensamento abstrato. É a barbárie da estagnação intelectual. Os jovens estão em uma idade em que a memória é tenaz e a imaginação é vívida e sagaz (VICO, 2005, p. 116)³¹. A barbárie dos sentidos ocorreu após o dilúvio universal no andar ferino dos homens na floresta como descrito no capítulo, na idade dos deuses, a ignorância e o estado selvagem desses primitivos foram aplacados pela religiosidade. Vico exemplifica essa barbárie:

[...] as religiões sanguinárias, que começaram, desde os primeiros homens cruéis e ferocíssimos, com voto e vítimas humanas. [...] conhecidas como vítimas de saturno e foram os sacrifícios de Moloch entre os fenícios, que passavam pelas chamas os meninos consagrados àquela falsa divindade; consagrações das quais se conservaram algumas na lei das XII tábuas (VICO, 2005, p. 127).³²

A barbárie retornada ocorreu na idade média sendo considerada mais nociva que a primeira. A barbárie retornada surge no declínio do

³¹ Sn44, §159

³² Sn44, §191

Império Romano que foi conquistado por outros povos chamados bárbaros, esses últimos ainda não tinham atingido o desenvolvimento cultural de Roma instituíram uma dominação de retrocesso na história.

Tais formulações são confirmadas por Vico pela observação dos primeiros direitos que foram estabelecidos durante a Idade Média. Com a invasão dos bárbaros na Europa desaparece a cultura e com essas também as letras, o mundo europeu civilizado teve de ser novamente reconstruído com base nos novos costumes surgidos nas novas fortificações feudais (VICO, 2005, p.68-69)³³. O retorno às primeiras coisas primitivas que já não é tão mais primitivo assim é uma nova barbárie que também se conterà com a religião. Nessa barbárie retornaram o fervor e a defesa da religião; as coisas humanas civis; os juízos divinos; os latrocínios heroicos; as represálias heroicas; os feudos, os primeiros asilos do mundo; os plebeus como trabalhadores das terras dos nobres; tributos pagos pelos plebeus aos nobres; e muitas outras características semelhantes aos primeiros tempos bárbaros (VICO, 2005, p. 794-795)³⁴.

A última, a barbárie da reflexão, chegamos à idade da razão, os homens podem se corromper e voltar para o estágio inicial de barbárie que, segundo Vico, será muito pior que a primeira (barbárie dos sentidos), pois quando retornam à primeira barbárie – selvageria, superstição – já não são mais os primeiros homens primitivos e ingênuos. Ou seja, a inteligência e a clareza cognitiva adquirida pelo homem no terceiro estágio, alcançadas graças à capacidade reflexiva, permite ao sujeito ter maior liberdade e dirigir o livre arbítrio a fins livremente estabelecidos. Ao mesmo tempo, entretanto, uma vez que o livre-arbítrio em si, é indeterminado, se o distanciamento da capacidade de reflexão se torna excessiva, a liberdade do indivíduo se volta contra ele e, na ausência de direções morais, ele cai na barbárie da reflexão, decai do estágio civilizatório. Essa última barbárie é dita reflexão, pois

³³ Sn44, §67.

³⁴ Sn44, §1.051-1.056.

na idade da razão o homem pode melhor ponderar a respeito dos efeitos dos seus atos na humanidade e suas possíveis consequências. A barbárie da reflexão pode ser mais destrutiva, pois o homem nesse processo civilizatório acumulou conhecimento, sucessão de feitos e avanços científicos, de modo que em cada época o homem nunca é o mesmo. Na idade da razão, o homem compreendendo as experiências do passado, as guerras, o sofrimento, a religião, a política, as instituições e os costumes podem fazer um futuro melhor. Sobre a barbárie da reflexão, escreveu Vico:

Por tudo isto, com obstinadas facções e desesperadas guerras civis, [os homens] vão fazendo das cidades selvas, e das selvas covis de homens; e de tal maneira, em longos séculos de barbárie, vão arruinar as más nascidas sutilezas dos engenhos maliciosos, que lhes haviam tornado feras mais imanes com a barbárie da reflexão do que tinha sido na primeira barbárie dos sentidos (VICO, 2005, p. 841)³⁵.

De acordo com Vico a civilidade e o desenvolvimento humano se estabilizam com a intervenção da razão, que é a própria providência divina, pois a bestialidade dos homens e a barbárie só podem ser contidas pelo movimento racional do homem. Sendo uma mente legisladora como mencionada por Vico:

Esta dignidade prova existir providência divina e que ela é uma mente divina legisladora, que, das paixões dos homens - todos apegados aos seus proveitos privados, pelos quais viveriam como animais selvagens metidos nas suas solidões fizeram as ordens civis, pelas quais vivam numa sociedade humana (VICO, 2005, p. 841)³⁶.

³⁵ Sn44, §1.106.

³⁶ Sn44, §133.

Podemos dizer que o homem é formado por um processo evolutivo acerca das alterações biológicas sofridas desde o nascimento até o desenvolvimento final, a ontogênese. Somado a história evolutiva da nossa espécie (filogenia). Acrescido com todas as experiências que os homens passam ao longo da vida e do livre arbítrio humano (participação de crenças e valores na vida civil). Esse conjunto de fatores agregados faz com que haja, na humanidade, uma evolução em sociedade de maneira diferente. Tudo isso tem consequências no espaço e no tempo, modificando a mentalidade humana e, por fim, atingindo e afetando os modos como o homem encara o mundo e interage com ele seja por meio da virtude ou por meio da barbárie.

Referências

BOTTURI, Francesco. A ética hermenêutica de Giambattista Vico. In: GUIDO, Humberto; SEVILHA, José M.; SILVA NETO, Sertório de Amorim. *Embates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

CAVALCANTE, João; GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. *Giambattista Vico: Uma crítica ao modelo moderno de educação*. Disponível em: http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/218JoaoCavalcante_HumbertoGuido.pdf. Acesso em: 11 jul. 2019

COLLINGWOOD, Robin George. *A ideia de história*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

COULANGES, Numa Denis Fustel. *A Cidade Antiga*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas S.A., 1961.

DAMIANI, Alberto Mario. A noção de sociabilidade natural em Vico. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório Amorim (Orgs.). *Metafísica do Gênero Humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2018.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. Providência Divina e Ação Humana, A Idéia de História na Scienza Nuova de Vico. In: MENEZES, Edmilson (Org.). *História e Providência: Bossuet, Vico e Rousseau: textos e estudos*.

Tradução e comentários Edmilson Menezes, Humberto Aparecido de Oliveira Guido e Maria das Graças de Souza. Bahia: Editus, 2006.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. *Giambattista Vico: a filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. A barbárie da reflexão e a decadência moral: crítica de Vico à cultura do Iluminismo. *Philosophos, Revista de Filosofia*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 1-19, 2002. DOI:

<https://doi.org/10.5216/phi.v7i2.3157>.

GUIDO, Humberto Aparecido de Oliveira. *Direito Natural e Sabedoria Civil na Filosofia da História de G. Vico: A Crítica ao Formalismo da Filosofia Política do Século das Luzes*. 2007. 59 f. Projeto (Pós-doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia da FFLCH/USP, Uberlândia, 2007.

LÖWITH, Karl. *O Sentido da História*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Edições 70, 1991.

MARTIRANO, Maurizio. Vico e a construção do mundo humano. In: GUIDO, Humberto; SEVILLA, João Mario; SILVA NETO, Sertório Amorim (Orgs.). *Debates da razão: mito e filosofia na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

MATTÉI, Jean-Francois. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno* [1999]. Trad. Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MELO, Tatiana Quirino Crisóstomo. História e barbárie na Ciência Nova de Giambattista vico. II ENCONTRO INTERNACIONAL HISTÓRIA, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURAS, Universidade Estadual do Ceará. *Anais...* Fortaleza, 2014.

MUCHEMBLED, Robert. *História da violência: do fim da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NUZZO, Enrico. Os caracteres dos povos da nova ciência das nações de Vico: entre causalidade sacra, histórica e natural. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório Amorim (Orgs.). *Metafísica do Gênero Humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2018. p. 79-136.

PECORARO, Rossano. *Filosofia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SANTOS, Vanilda Honória dos Santos. *A Filosofia Política na Ciência Nova de Vico*. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SILVA NETO, Sertório Amorim. *As Razões da Política: Humanitas e barbárie em Giambattista Vico*. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA NETO, Sertório Amorim. Entre acaso e destino. Vico e o conceito de Providência Divina. *Acta Scientiarum, Human and Social Sciences*, Maringá, v. 40, n. 1, p. 1-9, 2018. DOI:

<https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v40i1.39427>.

SILVA NETO, Sertório Amorim. Vico e natureza poética primitiva. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA NETO, Sertório Amorim (Orgs.). *Metafísica do Gênero Humano: natureza e história na obra de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2018. p. 157-180.

VALENTINI, Tommaso; VELARDI, Andrea. *Natura umana, persona, libertà Prospettive di antropologia filosofica ed orientamenti etico-politici*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.

VICO, Giambattista. *Ciência Nova*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

VICO, Giambattista. *La Antiquissima Sabidria de los italianos (1710)*. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. Sevilla: Cadernos sobre Vico, 1999.

VICO, Giambattista. *Del Método de estudios de nuestro tempo [Ratione - 1708]*. Trad. Francisco J. Navarro Gómez. Sevilla: Cadernos sobre Vico, 1998.

Data de registro: 31/10/2019

Data de aceite: 05/03/2020